

Uma Categoria Geográfica que
Alexander Von Humboldt não citou

A Geographic Category

which Alexander Von Humboldt did
dot mention

Willi Bolle

Professor titular de Literatura na
Universidade de São Paulo. Possui doutorado
em Literatura Brasileira pela Universidade de
Bochum/Alemanha.

willibolle@yahoo.com

📄 <https://orcid.org/0000-0003-3747-144X>

Recebido em: 7/4/2019.

Aceito para publicação em: 20/6/2019

Resumo

A parte I deste artigo é o relato de uma travessia da caatinga no nordeste da Bahia, incluindo uma caminhada coletiva, de Uauá a Canudos, passando por lugares visitados pelos viajantes naturalistas alemães Spix e Martius em 1819, e por Euclides da Cunha, em 1897, na época da guerra de Canudos. A parte II é uma análise crítica do modo parcial como Euclides descreve a contribuição respectivamente de Martius e de Alexander von Humboldt para o conhecimento do sertão.

Palavras-chave: Sertão. Euclides da Cunha. Spix e Martius. Alexander von Humboldt.

Abstract

Part I of this paper is a report of a crossing of the caatinga in the northeast of Bahia, passing through places visited in 1819 by the German naturalists Spix and Martius, and in 1897 by Euclides da Cunha, during the war of Canudos. Part II is a critical analysis of the partial mode how Euclides describes respectively the contribution of Martius and of Alexander von Humboldt for the knowledge of the Brazilian backlands.

Keywords: *Backlands. Euclides da Cunha. Spix and Martius. Alexander von Humboldt.*

Literatura comparada e a construção de um espaço intersticial

Este artigo é composto de duas partes: I) o relato de uma travessia da caatinga, realizada em 2018, seguindo os passos dos viajantes Spix e Martius e de Euclides da Cunha; II) uma releitura crítica do capítulo inicial (“A terra”) do livro *Os Sertões* (1902), em forma de um comentário que foi motivado pela experiência da travessia.

I. Travessia da caatinga

A caminhada coletiva pela caatinga no norte do estado da Bahia, de Uauá a Canudos Velho, chamada “Caminhada dos Umbuzeiros”, foi criada em 2015 por um grupo de artistas da cidade de Uauá e, desde então, é realizada anualmente no mês de março. Três foram os meus motivos para participar dessa caminhada: 1) Conhecer, no caminho para Uauá, a cidade de Monte Santo e o local da queda do meteorito de Bendegó – lugares visitados, 200 anos atrás, pelos viajantes naturalistas alemães Spix e Martius. 2) Conhecer os cenários da guerra de Canudos (1896/97), que começou com a derrota da Primeira Expedição militar em Uauá, em novembro de 1896, e terminou com a destruição total do arraial de Canudos pela Quarta Expedição militar, em outubro de 1897. 3) Conhecer *in loco* o bioma da Caatinga e as condições atuais de vida dos sertanejos. Nesta viagem fui acompanhado por Eckhard Kupfer, diretor do Instituto Martius–Staden (São Paulo), com quem estou refazendo, entre 2017 e 2020, os principais trechos do percurso de Spix e Martius, por ocasião do bicentenário de sua expedição pelo Brasil

1. Monte Santo e o riacho de Bendegó

O relato *Viagem pelo Brasil, 1817–1820*, de Spix e Martius, é o livro mais importante em língua alemã sobre o Brasil. Eles foram os primeiros cientistas viajantes a realizar uma travessia integral dos sertões, isto é, do cerrado e da caatinga, ao longo de quase um ano inteiro (4 de julho de 1818 a 3 de junho de 1819). Dessa expedição – durante a qual eles atravessaram o norte de Minas Gerais até a fronteira com Goiás, a província da Bahia, uma parte de Pernambuco, os sertões do Piauí e do Maranhão, até a cidade de Caxias, seguindo de lá por via fluvial, até São Luiz –, vamos focalizar o trecho de sua “Viagem, através do Sertão da Bahia, até Juazeiro, às margens do São Francisco” (cf. Spix/Martius, 2017, v. II, p. 277–309). Os dois naturalistas saíram da cidade de

Salvador em 18 de fevereiro de 1819 e, viajando a cavalo pela Estrada Real do Gado, por onde costumavam ser tocadas as boiadas vindas do Piauí, chegaram em Juazeiro no dia 30 de março. O interesse especial do seu relato consiste numa detalhada descrição do bioma da Caatinga, da vila de Monte Santo e do meteorito de Bendegó, que eles foram examinar no local onde tinha caído em 1874.

Partindo igualmente da cidade de Salvador, E. Kupfer e eu refizemos de carro um trecho da expedição de Spix e Martius. Passamos pelas pequenas cidades de Serrinha, Queimadas e Cansanção, até chegar em Monte Santo (cf. figura 1).¹



Figura 1: A serra de Monte Santo

Esse trajeto de cerca de 400 km nos proporcionou uma iniciação à paisagem da caatinga, em cuja vegetação predominam os cactos. Pudemos confirmar a descrição dessa região como sendo pouco apropriada para a agricultura e aproveitada sobretudo para a criação de algum gado. A falta de chuvas, a seca prolongada e seus efeitos foram especialmente fortes no ano em que Spix e Martius realizaram a sua travessia. Eles passaram por arraiais abandonados por quase todos os habitantes, por causa da falta de água. No meio da caatinga, encontraram, reunidas em torno de uma fonte, mais de trinta pessoas e presenciaram uma disputa pela água. Alguns homens armados com fuzis dirigiam-se aos viajantes com estas palavras: “-- A água aqui é só para nós, e não para ingleses vagabundos!” (Spix/Martius, 2017, v. II, p. 285).

¹ As fotografias que compõem as figuras 1, 2, 3, 4, 5 e 7 foram feitas pelo Autor.

Depois de terem presenciado, ao longo do caminho, muita pobreza e miséria da população sertaneja, Spix e Martius chegaram, em meados de março, ao arraial de Monte Santo. Como eles relatam, esse povoado deveu o seu desenvolvimento sobretudo ao capuchino italiano Frei Apolônio de Todi,² que organizou ali, a partir de 1775, na encosta do monte, a construção de uma Via Sacra, que termina no ponto mais alto com a Capela de Santa Cruz. Com isso, o antigo arraial transformou-se num importante lugar de romaria. Desde aquela época, Monte Santo é visitado todos os anos, por ocasião das principais festas religiosas, por um grande número de peregrinos, vindos de todas as partes do Brasil. Assim como Spix e Martius, subimos pela Via Sacra com suas diversas capelinhas, desfrutando depois de um amplo panorama, do alto do Monte Santo. Avistamos o vale do riacho de Bendegó e as diversas serras em direção a Canudos. Retornaremos mais tarde a este ponto panorâmico, quando vamos falar da guerra de 1896/97.

Depois de termos visitado o Museu de Monte Santo, com suas várias referências à figura de Antônio Conselheiro e também ao meteorito de Bendegó, contratamos um guia para nos levar até o riacho, a uns trinta quilômetros ao norte de Monte Santo, onde foi encontrado, em 1784, o meteorito que era, naquela época, o segundo maior do mundo. Ele mede 2,15 metros de comprimento e pesa 5.360 quilogramas, contém 92% de ferro e 6% de níquel. Em 1888, foi transportado para o Museu Nacional, no Rio de Janeiro. Esse meteorito resistiu ao incêndio que destruiu o museu, em 02 de setembro de 2018.

2. Uma caminhada coletiva, de Uauá a Canudos Velho

Do vale do Bendegó seguimos até a cidade de Uauá, onde encontramos, no Espaço Cultural Toque de Zabumba, o grupo de artistas que organiza anualmente a Caminhada dos Umbuzeiros. Fomos conhecer a Cooperativa de Uauá, onde são processadas as frutas da região, especialmente o umbu, que é um importante produto comercial. O umbuzeiro já foi descrito detalhadamente por Martius desta forma: “Suas raízes, horizontalmente espalhadas, quase à flor da terra, intumescem-se em tubérculos nodosos do tamanho de um punho ou até de uma cabeça de criança e, ocios no interior, estão cheios de água” (Spix/Martius, 2017, v. II, p. 282).

² A figura do *Frei Apolônio* tornou-se o personagem-título do romance homônimo escrito por Martius em 1831, mas que foi publicado somente 161 anos depois, em 1992. Nessa obra de ficção, o autor tomou a liberdade de deslocar os lugares do enredo para a Amazônia.

Depois dos preparativos iniciamos, no final do dia, a nossa caminhada em direção a Canudos. O nosso guia foi o poeta Basílio Gomes, conhecido como BGG da Mata Virgem, empunhando um bastão e vestido à maneira do Antônio Conselheiro, em cuja memória costuma ser realizada a caminhada. Os organizadores colocaram à disposição do nosso grupo de cinquenta caminhantes um perfeito serviço de infraestrutura: transporte da bagagem numa caminhonete, abastecimento com água e comida, e atendimento de saúde. Por causa de uma chuva que caiu durante a tarde do primeiro dia, a nossa caminhada começou apenas no entardecer. Logo depois de sair de Uauá – o nome dessa cidade é indígena e significa “Vagalume” – já entramos na caatinga, com sua vegetação de cactos, dentre os quais destacam-se os xique-xiques. Por volta das oito horas e meia da noite, após uma caminhada de uns 10 km, chegamos à nossa primeira parada, a casa do sertanejo seu Roque, em torno da qual armamos as nossas barracas. Depois do jantar, trocamos informações sobre a caatinga.

O bioma Caatinga abrange quase 10% do território do Brasil, ocupando uma área de 800.000 km², sendo constituída principalmente por savana estépica. Tem longos períodos de seca, que duram em média oito meses. A caatinga estende-se pela maior parte dos estados do Nordeste, desde a Bahia, passando por Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, até o Piauí e o Maranhão.

O bioma vizinho, o Cerrado, abrange uma área de 2 milhões de km², correspondendo a 24% do território nacional e é constituído principalmente por savanas com árvores baixas e retorcidas. É o mais antigo bioma brasileiro e o grande reservatório de água do Brasil. 70% de sua biomassa está dentro da terra, e por isso se diz que é uma floresta de cabeça para baixo. A partir da década de 1950, o Cerrado sofreu grande devastação por causa da demanda de carvão vegetal – e, a partir dos anos 1970 –, por causa do avanço da fronteira agrícola (gado, soja e milho). Com isso, 46% de sua vegetação natural já foi destruída. Isso afeta seriamente a biodiversidade e representa um grave problema para o abastecimento hídrico do país (cf. Leite, 2018).

No segundo dia, caminhamos da casa de seu Roque, durante uns 23 km, até o rio Vaza-Barris, cujo leito estava seco e em cuja margem armamos no fim da tarde as nossas barracas. Conhecemos, então, mais detalhadamente as principais plantas da caatinga: favela, cansanção, catingueira, macambira, mandacaru, cabeça-de-frade e xique-xique – e também os umbuzeiros, com suas frutas refrescantes. Passamos por várias casas simples, que são abastecidas com água e, desde recentemente, graças ao programa Luz para Todos, dispõem também de energia elétrica. Nesses locais, tivemos algumas breves

conversas com os moradores. A sua mais importante fonte de renda é a criação de caprinos e bovinos. Ao lado de algumas casas cultivam-se os cactos-da-Índia como alimento do gado.

No terceiro dia, prosseguimos a caminhada, durante mais 29 km, até a vila de Canudos Velho. Durante a manhã, beiramos, pela margem norte, o rio Vaza-Barris, cujo leite estava seco; depois de cruzar um afluente, o rio Priumã, igualmente seco, passamos para a margem sul do Vaza-Barris. Perto da sombra de árvores e de poças de água, vimos pastar alguns grupos de cabras e bois. A nossa travessia entre os flancos da Serra do Caipã nos deu uma ideia da sensação que devem ter experimentado os soldados da 2ª Expedição contra Canudos, quando sofreram emboscadas por parte dos guerreiros de Antônio Conselheiro. Depois dessa travessia, já avistamos no horizonte os morros e as serras ao lado da cidade histórica de Canudos. Atingimos a BR-116, que cruzamos, para chegar ao povoado de Canudos Velho.

Quanto a Canudos, é preciso distinguir três localidades com esse nome: 1) A Canudos histórica, um arraial que já existia antes da chegada de Antônio Conselheiro, em 1893, e que foi ampliado então em grande escala e se tornou o alvo dos ataques do Exército brasileiro durante a campanha de 1896/97. Depois de sua total destruição, em 1897, a Canudos histórica foi inteiramente submersa pelo açude de Cocorobó, criado durante os anos 1960 com o represamento do rio Vaza-Barris. 2) A segunda Canudos, chamada de Canudos Velho, que foi construída a partir de 1910 pelos sertanejos que tinham se retirado para o interior da região, antes do ataque final do Exército à Canudos histórica. Uma parte de Canudos Velho foi igualmente inundada pelo açude. 3) A Nova Canudos, que foi construída perto da barragem, a partir do final dos anos 1960.

Depois da nossa chegada ao arraial de Canudos Velho, descemos mais um quilômetro, até a beira do açude, de onde emergem das águas as ruínas da Igreja de Santo Antônio. Nesse local, o historiador Roberto Dantas, que também participou da caminhada, apresentou um resumo da Guerra de Canudos. Do outro lado do açude, avista-se o Alto da Favela (figura 2), que foi o principal ponto estratégico na fase final da guerra.

3. Um retrospecto sobre a guerra de Canudos (1896/97)

No dia depois da caminhada, fomos até o lado oposto da represa para visitar o Parque Estadual de Canudos, onde se encontram alguns dos principais lugares da luta entre os conselheiristas e os soldados do governo, especialmente o Alto da Favela. Com

base no livro *Os Sertões* (1902), de Euclides de Cunha, e em trabalhos de estudiosos como Walnice Galvão (*O Império do Belo Monte*, 2001) e Roberto Dantas (*Canudos: novas trilhas*, 2011), será apresentado agora um breve resumo da Campanha de Canudos.³



Figura 2: Vista da Canudos submersa em direção ao Alto da Favela

Com a chegada, em 1893, do líder religioso Antônio Conselheiro a Canudos, o arraial às margens do rio Vaza-Barris passou a crescer enormemente. Com suas prédicas e obras em prol dos sertanejos pobres, ele atraiu milhares de seguidores que, através do trabalho comunitário, conseguiram uma significativa melhoria de suas condições de vida. Rebatizado de Belo Monte, Canudos teve a sua população aumentada para 25.000 habitantes, tornando-se a segunda maior aglomeração do estado da Bahia.

Quais foram as causas da guerra do Exército brasileiro contra os seguidores de Antônio Conselheiro? A crescente migração de mão-de-obra para Canudos deixou ressentidos os grandes proprietários. E o clero sentiu-se eclipsado em comparação com aquele pregador carismático, que se dedicou integralmente à causa dos pobres. Por isso, a oligarquia e a Igreja se juntaram e exigiram do governo da recém-instaurada República medidas contra o Conselheiro e seus seguidores. Estes recusaram a cobrança de

³ Foi consultada também a cartilha *Canudos: uma história de luta e resistência*, organizada pelo Instituto Popular – Memorial de Canudos, em 1993.

impostos, que foi efetuada de forma violenta pelo novo governo. Na imprensa construiu-se a imagem do Conselheiro atuando a serviço de potências estrangeiras, querendo restaurar a monarquia no Brasil.

A primeira expedição militar contra Canudos aconteceu no final de 1896. O Conselheiro havia encomendado e pago em Juazeiro uma remessa de madeira, destinada à construção da igreja nova em Canudos; porém, essa encomenda não foi entregue. Com base em boatos de que os conselheiristas viriam buscar a madeira à força, o governo da Bahia enviou em novembro de 1896 um batalhão de infantaria, com três oficiais e 104 soldados, sob o comando do tenente Pires Ferreira, em direção a Canudos. Em Uauá, essa tropa foi surpreendida pelos conselheiristas, que vinham num misto de procissão religiosa e força de combate. O confronto armado terminou com 150 mortos entre os canudenses e apenas 10 mortos entre os soldados. Apesar dessa vantagem, o comandante Pires Ferreira notou entre seus homens uma falta de força e de coragem para atacar Canudos. Ele decidiu, então, retornar com o seu batalhão para Juazeiro. Com isso, a vitória numérica da tropa transformou-se em derrota.



Figura 3: Vista do Monte Santo em direção ao noroeste

Retornando ao alto do Monte Santo e consultando ao mesmo tempo o mapa que Euclides da Cunha traçou do cenário da guerra, pudemos ter uma visão mais concreta dos rumos das três expedições seguintes. Olhando em direção ao noroeste, avistam-se o vale do riacho do Bendegó e a Serra do Cambaio (figura 3). Por uma estrada nessa direção avançou, em janeiro de 1897, a segunda expedição, sob o comando do major Febrônio de Brito. Os soldados continuaram o seu caminho pela Serra do Caipã – da qual, nós, caminhantes de 2018, conhecemos uma amostra. Em consequência das emboscadas e das graves perdas que a tropa sofreu naquela serra e nos territórios adjacentes, o comandante resolveu dar ordem para a retirada. Com isso, configurou-se a segunda derrota da Exército.

Olhando agora do alto do Monte Santo em direção ao nordeste (Figura 4), avistamos no horizonte as serras do Arati e do Cocorobó. Contornando a Serra do Arati pelo lado leste e passando pelas caatingas adjacentes, avançou, em março de 1897, a terceira expedição, comandada pelo coronel Moreira César. Passando em seguida pelo local do Rosário, os soldados chegaram até Canudos e resolveram atacar o arraial. Nessa investida, como relata detalhadamente Euclides da Cunha, os soldados fracassaram no labirinto daquela “*urbs monstruosa*”. Com esse insucesso e a morte do seu comandante, estava selada a terceira derrota do Exército.



Figura 4: Vista do Monte Santo em direção ao nordeste

Olhando agora do alto do Monte Santo em direção ao nordeste (figura 4), avistamos no horizonte as serras do Arati e do Cocorobó. Contornando a Serra do Arati pelo lado leste e passando pelas caatingas adjacentes, avançou, em março de 1897, a terceira expedição, comandada pelo coronel Moreira César. Passando em seguida pelo local do Rosário, os soldados chegaram até Canudos e resolveram atacar o arraial. Nessa investida, como relata detalhadamente Euclides da Cunha, os soldados fracassaram no labirinto daquela “*urbs* monstruosa”. Com esse insucesso e a morte do seu comandante, estava selada a terceira derrota do Exército.

Em abril de 1897, o ministro da Guerra, marechal Bittencourt, preparou uma quarta expedição, que devia ser definitiva e tinha uma novidade estratégica: o avanço foi feito por meio de duas colunas, vindas de direções diferentes. A primeira coluna, comandada pelo general Arthur Oscar, com 3.000 soldados e um canhão Whitworth 32 (“a Matadeira”, como foi chamado pelos habitantes de Canudos), avançou, em junho de 1897, pela mesma estrada do Rosário, via Caldeirão e Juetê. Ela chegou muito perto de Canudos, mas essa tropa foi aprisionada pelos conselheiristas num dos vales. Ela foi salva, contudo, pela estratégia de realizar o ataque por meio de duas colunas. A segunda coluna, sob o as ordens do general Savaget, partiu de Aracaju com 2.350 soldados e avançou via Jeremoabo. Na passagem pela Serra de Cocorobó, os soldados sofreram um ataque de emboscada por parte dos conselheiristas, como já tinha acontecido em vários episódios anteriores da guerra. Desta vez, porém, houve uma mudança de tática por parte do Exército. O comandante Savaget mandou os seus soldados avançarem frontalmente contra o inimigo, e assim o Exército conseguiu romper o bloqueio. Em seguida, a segunda coluna avançou até o Alto da Favela e conseguiu liberar a primeira coluna.

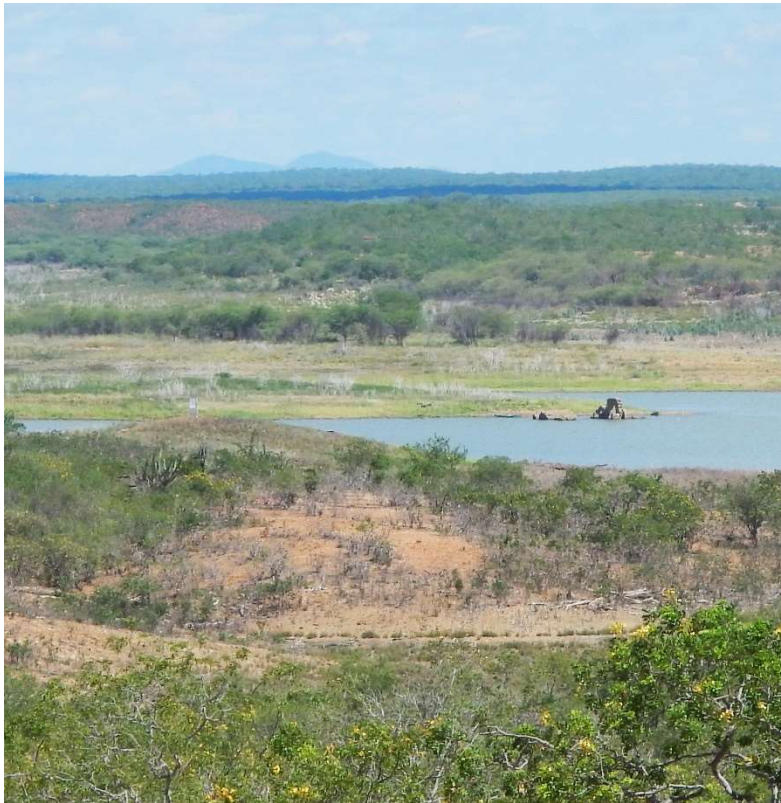


Figura 5: Vista do Alto da Favela sobre a Canudos submersa

Com essa concentração dos soldados no ponto estratégico a partir de onde se controla Canudos, só faltava resolver o problema logístico do abastecimento dessa tropa numerosa. Em agosto, o Marechal Bittencourt organizou o envio de comboios regulares de abastecimento, que partiram de Monte Santo até o Alto da Favela, via a estrada do Calumbi. Com isso, o Exército conseguiu fechar em setembro o seu cerco ao redor de Canudos; no mesmo mês faleceu Antônio Conselheiro. A cidade foi atacada então com artilharia pesada, bombas de dinamite e a investida dos soldados. Em 5 de outubro de 1897 foram mortos os últimos quatro defensores. Canudos, que já tinha sido incendiada em vários pontos, acabou sendo completamente destruída. Os prisioneiros – homens, mulheres e crianças – foram degolados pelos soldados. No seu retrospecto sobre a guerra, Euclides da Cunha faz este balanço: “Aquela campanha [...] foi, na significação integral da palavra, um crime” (Cunha, 2016, p. 11).

4. O que significa Canudos hoje?

Com a palavra “favela”, nome de uma planta local espinhosa, com que foi designado o Alto da Favela, a história de Canudos projetou-se em âmbito global. Quando os soldados, depois da campanha de 1897, retornaram ao Rio de Janeiro, eles

não tinham outra opção de moradia a não ser instalar-se em barracos que construíram no morro da Providência, que passaram a chamar de Morro da Favela. Como as autoridades públicas nunca se empenharam em melhorar as condições de vida dos moradores desse e de outros bairros precários, as chamadas *favelas* cresceram em grande escala. Em função do comércio de drogas, que procurou novos caminhos de distribuição via Brasil, construiu-se a partir dos anos 1980 uma sociedade criminosa paralela. Com a criação de Unidades de Polícia Pacificadora (UPP), foram realizadas temporariamente algumas melhorias; mas com o projeto mais recente de intervenção militar, o Estado não tem conseguido controlar a situação. No Brasil, quase 12 milhões de pessoas moram atualmente em favelas. O geógrafo e historiador Mike Davis descreve a nossa Terra como *Planet of Slums* / *Planeta Favela* (2006). Como ele informa, o aumento atual da população nas favelas do mundo inteiro é da ordem de 25 milhões de pessoas por ano.

II. Comentários de algumas passagens de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha

Esta releitura de *Os sertões* (edição crítica organizada por Walnice Galvão, 2016), concentra-se na parte inicial da obra, “A terra” (p. 15–69), na qual o autor introduz os seus leitores à paisagem do sertão do Nordeste. O objetivo desta análise é comentar a maneira como Euclides apresenta as contribuições de dois pesquisadores viajantes alemães para o conhecimento do sertão: respectivamente Martius (que foi acompanhado por Spix) e Alexander von Humboldt.

1. Quais foram os pioneiros da ciência que pesquisaram o Sertão?

“Nenhum pioneiro da ciência suportou ainda as agruras daquele rincão sertanejo [isto é: a caatinga entre Monte Santo e Canudos], em prazo suficiente para o definir”, afirma o autor de *Os sertões* (CUNHA, 2016, p. 37).⁴ E ele complementa: “[S]empre evitado, aquele sertão, até hoje desconhecido ainda o será por muito tempo”. Parece que Euclides da Cunha quer atribuir o papel de pioneiro a si mesmo. Esse papel, contudo, não lhe cabe, uma vez que, no mapa “Esboço geográfico [do sertão da Bahia]” (*OS*, p. 16) que acompanha o seu texto, ele próprio cita nada menos do que dezesseis cientistas que o precederam, a saber: Th. Sampaio, Spix e Martius, Hartt, Derby, Gardner, Burton,

⁴ Daqui em diante, todas as citações dessa edição de *Os Sertões* serão indicadas com a sigla *OS*.

Halfeld, Rathbun, Allen, Ayres do Casal, Príncipe de Neuwied, Wells, Bulhões, Bailys e Lopes Mendes.

Euclides da Cunha, como mostra o seu *Diário de uma expedição* (CUNHA, 2000), ficou no sertão cerca de um mês, trabalhando ali como repórter do jornal *O Estado de São Paulo* e como adido ao estado-maior do ministro da Guerra. Partindo de Salvador, ele chegou em Monte Santo no dia 06 de setembro de 1897, e em Canudos, no dia 16 de setembro; regressando de lá a 03 de outubro e estando de volta em Salvador no dia 13.

Quanto a Spix e Martius, eles pesquisaram os biomas do Cerrado e da Caatinga durante quase um ano inteiro. Como já foi lembrado acima, eles entraram para o sertão em 04 de julho de 1818, a partir do distrito das Minas Novas, no norte de Diamantina; e começaram a sair do sertão do Maranhão, em Caxias, em 03 de junho de 1819 (cf. Spix/Martius, 2017, v. II, p. 94, 98 e 369).⁵ Descontando o tempo intermediário de sua estadia em Salvador e de sua viagem pelo litoral até Ilhéus, os dois viajantes naturalistas viveram as agruras dos sertões durante oito meses, registrando essa experiência num relato de cerca de 200 páginas. A parte mais sofrida foi a travessia do agreste do Piauí, durante a qual Martius teve “um violento acesso de febre” e sentiu “uma fraqueza quase mortal”; o seu companheiro Spix “parecia que estava morrendo”; e o criado deles, atingido por “convulsões e delírios”, faleceu (*Viagem*, v. II, p. 353–355). Um exemplo da dedicação de Martius à pesquisa é a passagem na qual ele descreve “as condições físicas e o clima” do extenso território do *agreste* (p. 326; ver também, no *Atlas* de imagens que acompanha o relato, a gravura 19, “Paisagem no Piauí”; aqui: figura 6).⁶

Com isso, já pode ser considerada como respondida a pergunta: quem foi pioneiro na pesquisa dos sertões do Brasil?

⁵ As referências ao relato de Spix/Martius, 2017, serão indicadas, daqui em diante, somente com a palavra *Viagem*.

⁶ As gravuras que constituem as figuras 6, 8 e 9 fazem parte da obra de Martius, conforme indicado no texto.



Figura 6: Paisagem no Piauí

2. O meteorito de Bendegó

Em alguns momentos do seu texto, o autor de *Os sertões* refere-se diretamente a Martius, como nesta passagem: “Martius por lá passou” – isto é, pelo “rincão sertanejo” perto de Monte Santo – “com a mira essencial de observar o aerólito que tombara à margem do Bendegó e era já, desde 1810, conhecido nas academias europeias, graças a F. Mornay e Wollaston” (*OS*, p. 37).

De fato, Martius, no caminho de Salvador a Juazeiro, manifestou mais de uma vez o seu plano de ver o meteorito perto do riacho de Bendegó (*Viagem*, v. II, p. 283 e 292). Como relata Euclides, esse local já tinha sido visitado antes – em janeiro de 1811 (esta é a data correta) – pelo mineralogista inglês A. F. Mornay (contratado pelo governo da Bahia para investigar fontes de água mineral). Mornay conseguiu retirar alguns fragmentos do meteorito, que foram enviados à Royal Society de Londres, para serem investigados pelo químico William Wollaston. Ambos publicaram em 1816, no periódico científico *Philosophical Transactions*, um artigo sobre a pedra, chegando à conclusão que, de fato, se tratou de um meteorito.⁷

Martius (*Viagem*, v. II, p. 299) refere-se a A. F. Mornay como o seu “antecessor”, esclarecendo que, em 1819, quando foi até o riacho de Bendegó, ainda não tivera

⁷ Cf. “An account of the discovery of a mass of native iron, by A. F. Mornay, with experiments and observations by W. H. Wollaston”, *Philosophical Transactions*, Londres, 1816. Uma versão em língua alemã está disponível em <https://books.google.com.br/books?id=CocMAQAAIAAJ> (Acesso em 19/02/2019).

conhecimento do estudo publicado em 1816 e “feito com objetividade” por Mornay e Wollaston. O pesquisador alemão descreve o tamanho, a forma e a composição do meteorito, e também o esforço para retirar alguns fragmentos, que foram enviados para o Museu de Munique (p. 299–301). Na edição alemã da *Reise in Brasilien* (v. II, p. 748–751), encontra-se ainda uma detalhada discussão sobre as substâncias que constituem o meteorito, comparando os resultados da análise química feita por Wollaston, com os de uma análise posteriormente realizada por Friedrich Fickentscher. A edição brasileira, por sua vez, informa que a história do meteorito de Bendegó está descrita no n. 3 de 1945 da *Revista do Museu Nacional (Viagem, v. II, p. 299, nota 8)*.

3. Monte Santo

A serra de Monte Santo é descrita por Euclides “com um perfil de todo oposto aos redondos contornos que lhe desenhou o ilustre Martius”: Ela “empina-se, a pique, na frente, em possante dique de quartzito branco [...]. Dominante sobre a várzea que se estende para sudeste, com a linha de cumeadas quase retilínea, o seu enorme paredão [...] afigura-se cortina de muralha monumental. Termina em crista altíssima [...]. Atenuados para o sul e leste, os acidentes predominantes da terra progridem avassalando os quadrantes do norte” (*OS*, p. 26 e 27).

Esta passagem é assim comentada por Berthold Zilly, o tradutor alemão de *Os sertões*: “No seu relato de viagem, Martius mostra-se muito menos entusiasmado com Monte Santo que E. da Cunha, o qual ficou visivelmente aborrecido. Martius não desenhou a serra de Monte Santo com contornos redondos, mas não fez dela desenho nenhum. Ele apenas reproduziu a vista que se tem do alto, descrevendo-a como monótona” (CUNHA, 1994, p. 697, nota 15).

Para entender melhor a divergência entre a visão da serra de Monte Santo por parte de Euclides e por parte de Martius, é também preciso levar em conta que as motivações de cada um deles para visitar o local, e as respectivas circunstâncias históricas, eram muito diferentes. Para o viajante alemão, a passagem por Monte Santo foi apenas um desvio de sua rota principal – de Vila Nova da Rainha (Jacobina Nova), no caminho de Salvador até Juazeiro – em direção ao riacho de Bendegó, onde ele queria ver o meteorito.

No seu relato, Martius escreve: “Eleva-se isolado o Monte Santo, sem ramificações na planície acidentada, e estende-se por uma légua de S. a N. A altitude [...] acima do arraial deve ser de 1.000 pés”. A paisagem vista do cume da montanha é descrita por ele

como “uma extensa planície de secas e monótonas matas de caatingas [...], e fechada para os lados N., E. e O. por diversas e compridas serras”. Os contornos dessas montanhas, oito das quais ele cita nominalmente, são caracterizados como “uniformes, arredondados” (*Viagem*, v. II, p. 295–296). Esse texto é complementado por uma série de três gravuras, intitulada “Panorama das serras, vistas do Monte Santo” (cf. no *Atlas*, as estampas 14 b, c, d). Essas imagens são bem mais exatas que a descrição verbal e mais corretas. Nos desenhos, observa-se uma alternância entre montanhas arredondas e picos – confirmando, *grosso modo*, a visão panorâmica que E. Kupfer e eu tivemos, em 2018, a partir do mesmo local (cf. as fotografias que constituem as figuras 4 e 5).

Euclides da Cunha tem razão em criticar o excesso de arredondamentos na descrição verbal de Martius, e é compreensível que ele tenha se implicado com a referência deste à monotonia da paisagem. É que a visita do autor de *Os sertões* a Monte Santo se deu num momento histórico-político em que esse lugar, depois de o Exército ter instalado ali o seu quartel general, tinha se tornado o centro estratégico da campanha contra Canudos. Do alto do Monte Santo, o escritor descreve, então, um cenário de guerra (*OS*, p. 33–35), complementando-o com um detalhado mapa, o “Esboço geográfico do sertão de Canudos” (p. 40–41). Na sua descrição, no entanto – com a formulação “os píncaros torreados [da serra] do Caipã” (p. 33), – há um excesso de estilização literária que dramatiza e distorce a realidade topográfica, como pudemos verificar *in loco*, ao atravessar a referida serra a pé (cf. a figura 7, que é uma fotomontagem do nosso caminho pela trilha no meio dos dois flancos da Serra do Caipã).



Figura 7: O nosso caminho entre os flancos da Serra do Caipã

4. A *silva horrida*

Referindo-se mais uma vez a Martius, escreve Euclides: “Rompendo [...] a região selvagem, *desertus australis* [= deserto do hemisfério Sul] como a batizou, mal atentou para a terra recamada de uma flora extravagante, *silva horrida* [= selva horrível] no seu latim alarmado” (*OS*, p. 37). Diante dessa ponta de ironia, vem ao caso lembrar que o viajante estrangeiro passou nos desconfortáveis sertões do Brasil – os quais, nas piores secas, costumam ser abandonados por um grande número de moradores – um tempo muito maior que o autor de *Os sertões*. Este, mais adiante, para caracterizar a “vegetação agonizante, doente e informe, exausta, num espasmo doloroso”, utiliza o termo indígena *caatanduva* (= mato doente) e volta a citar formulações em latim do seu antecessor: “É a *silva aestu aphylla* [= selva desfolhada pelo calor], a *silva horrida*, de Martius, abrindo no seio iluminado da natureza tropical um vácuo de deserto” (*OS*, p. 54). Quanto ao uso do latim, por parte de Martius, esse era um costume bastante frequente entre os pesquisadores do século XIX, na divulgação de suas publicações científicas. Assim, a sua obra mais importante, a *Flora Brasiliensis*, foi editada em latim, que é também a língua usada nas legendas das gravuras que acompanham o seu texto. Uma das gravuras mais expressivas tem a legenda “*Silva Aestu Aphylla. Quam Dicunt Caa-Tinga*”, ou seja, “A floresta quente e sem folhas que chamam de *caa-tinga*, no deserto ao sul da Província da Bahia” (in: *Flora Brasiliensis*, vol. I, parte I; cf. figura 8).

5. O autor da *Flora brasiliensis* “mal atentou para a flora”... Será?

Um detalhe da citação acima precisa ser retomado: a estranha afirmação de Euclides de que Martius “mal atentou para a terra recamada de uma flora extravagante” (*OS*, p. 37). Fazer esse tipo de crítica ao autor da *Flora brasiliensis* é um absurdo. Pois essa publicação de Martius, na avaliação do eminente botânico brasileiro Frederico Carlos Hoehne, é “a maior obra até os nossos dias que foi redigida sobre a flora de um país”, e ela continua sendo uma referência científica fundamental. Iniciada por Martius em 1838, *A Flora brasiliensis* foi continuada depois por Ignatz Urban e concluída em 1904 por August Wilhelm Eichler. A obra é composta de 15 volumes, com a descrição de mais de 22.000 espécies.

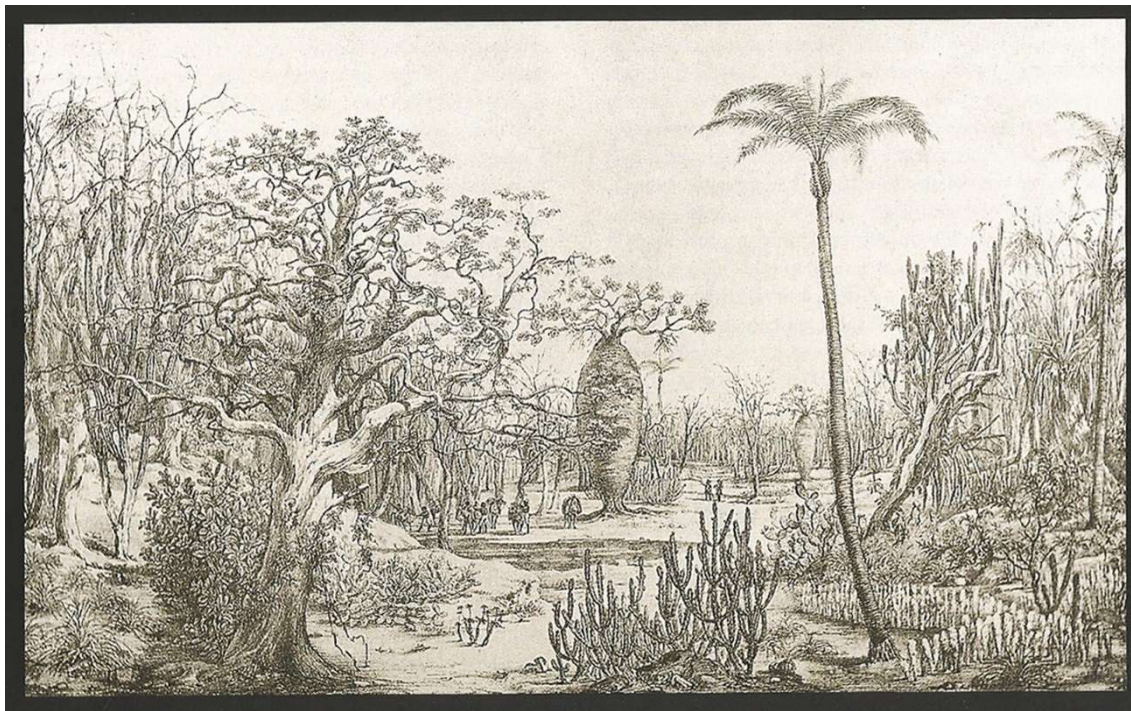


Figura 8: A caa-tinga no sul da província da Bahia

O primeiro volume, publicado em 1840, contém 59 gravuras, acompanhadas de textos, apresentando os diversos aspectos da vegetação e dos ecossistemas brasileiros. Desse volume existe também uma bela edição brasileira: *A viagem de von Martius: Flora Brasiliensis - Vol. I* (1996), traduzida diretamente do latim. A flora dos sertões e o seu ambiente são retratados ali nas seguintes gravuras e textos: “Matas de Minas Gerais: capões” (p. 26–27); “Tabuleiros de Minas Gerais” (p. 28–29); “Campos gerais” (p. 32–33 e 40–41); “Cerrado ou carrasco” (p. 88–89); e no já citado quadro “A floresta quente e sem folhas que chamam de *caa-tinga*” (p. 50–55). É preciso, contudo, avisar que essa obra, na qual a grande maioria dos nomes das plantas é citada em latim, dificulta a compreensão para o leitor não-especialista. Essa ressalva pode ser fazer em parte também em relação ao relato de viagem de Martius, no qual há igualmente um excesso de nomenclatura científica.

Euclides da Cunha, por sua vez – apesar de não citar as contribuições do botânico Martius – tem o mérito de apresentar a vegetação da caatinga de uma forma bem comunicativa. Antes, para introduzir o leitor viajante ao ecossistema, ele faz questão de avisá-lo que “a caatinga o afoga; abrevia-lhe o olhar; agride-o e [...] repulsa-o com as folhas urticantes, com o espinho, com os gravetos estalados em lanças [...]; árvores sem folhas, de galhos estorcidos e secos, revoltos, entrecruzados” – em suma: é “uma flora agonizante”. No entanto, as plantas têm uma “capacidade de resistência”, que “se impõe,

tenaz e inflexível” (*OS*, p. 48–49). Aqui vai uma seleção das principais espécies, apresentadas pelo autor de *Os Sertões*.

A *macambira*: “As águas [...] ficam retidas, longo tempo, nas espadas das bromélias, aviventando-as. No pino dos verões, um pé de macambira é para o matuto sequioso um copo d’água cristalina e pura.” (*OS*, p. 51)

Os *cactos*. “As *nopáleas* e *cactos*, nativas em toda a parte, entram na categoria das fontes vegetais, de Saint-Hilaire. Tipos clássicos da flora desértica, mais resistentes que os demais, [...] afeiçoaram-se aos regimes bárbaros; [...] o ambiente em fogo dos desertos parece estimular melhor a circulação da seiva entre seus cladódios túmidos.” (*OS*, p. 51)

As *favelas*. “As *favelas* [...] têm, nas folhas de células alongadas em vilosidades, notáveis aprestos de condensação, absorção e defesa. Por um lado, a sua epiderme ao resfriar-se, à noite, muito abaixo da temperatura do ar, provoca, a despeito da secura deste, breves precipitações de orvalho; por outro, a mão que a toca, toca uma chapa incandescente de ardência inaturável.” (*OS*, p. 51–52)

As *catingueiras*. “Quando as espécies não se mostram tão bem armadas para a reação vitoriosa, observam-se dispositivos [...] interessantes; unem-se, intimamente abraçadas, transmudando-se em plantas sociais. Não podendo revidar isoladas, disciplinam-se, congregam-se, arregimentam-se. São deste número [...] as *catingueiras*, constituindo, nos trechos em que aparecem, sessenta por cento das caatingas.” (*OS*, p. 52)

Os *mandacarus*. “Os *mandacarus* (*cereus jaramacaru*), atingindo notável altura [...], assomando isolados acima da vegetação caótica, são novidade atraente, a princípio. [...] Aprumam-se tesos, triunfalmente, enquanto por toda a banda a flora se deprime. [...] No fim de algum tempo, porém, são uma obsessão acabrunhadora. Gravam em tudo monotonia inaturável.” (*OS*, p. 53)

Os *xiquexiques*. “Os *xiquexiques* (*cactus peruvianus*) são uma variante de proporções inferiores, fracionando-se em ramos fervilhantes de espinhos, recurvos e rasteiros, recamados de flores alvíssimas. Procuram os lugares ásperos e ardentes. São os vegetais clássicos dos areais queimosos. Aprazem-se no leito abrasante das lajes graníticas feridas pelos sóis.” (*OS*, p. 53)

Os *cabeças-de-frade*. “[Os *xiquexiques*] têm como sócios inseparáveis neste habitat [...] os *cabeças-de-frade*, deselegantes e monstruosos melocactos de forma

elipsoidal, acanalada, de gomos espinescentes, convergindo-lhes no vértice superior formado por uma flor única, intensamente rubra. Aparecem, de modo inexplicável, sobre a pedra nua, dando [...] no tamanho, na conformação, no modo por que se espalham, a imagem singular de cabeças decepadas e sanguinolentas jogados por ali, a esmo.” (OS, p. 53)

Para encerrar esta apresentação das plantas da caatinga, nenhuma delas é mais adequada que o *umbuzeiro*, “a árvore sagrada do sertão”:

É a “sócia fiel das rápidas horas felizes e longos dias amargos dos vaqueiros. Representa o mais frisante exemplo de adaptação da flora sertaneja. [...]. Desafiando as secas duradouras, sustentando-se nas quadras miseráveis mercê da energia vital que economiza nas estações benéficas, das reservas guardadas em grande cópia nas raízes. E reparte-as com o homem. Se não existisse o umbuzeiro, aquele trato de sertão [...] estaria despovoado. O *umbu* [...] alimenta o matuto e mitiga-lhe a sede. Abre-lhe o seio acariciador e amigo, onde os ramos recurvos e entrelaçados parecem de propósito feitos para a armação das redes bamboantes. E ao chegarem os tempos felizes dá-lhe os frutos de sabor esquisito para o preparo da *umbuzada*.” (OS, p. 56-57).⁸

6. O que falta “no quadro das plantas sociais brasileiras, de Humboldt”

Depois de ter apresentado três espécies de “plantas sociais” – as *catingueiras*, os *alecrins-dos-tabuleiros* e os *canudos-de-pito* –, Euclides observa que elas “não estão no quadro das plantas sociais brasileiras, de Humboldt” (OS, p. 52). Essa crítica faz pouco sentido, uma vez que o pesquisador alemão, quando chegou, em 1800, à fronteira da Venezuela com o Brasil, foi proibido de entrar neste país. Portanto, não pôde estudar a vegetação brasileira em seu ambiente. Nos dois estudos nos quais Humboldt apresenta um quadro global das principais formas vegetais, inclusive os cactos – “Essai sur la géographie des plantes” (1807)⁹; e “Ideen zu einer Physiognomik der Gewächse” (1849; Ideias sobre uma fisionomia das plantas) –, não há nenhuma referência a plantas brasileiras. Quem realizou um trabalho científico exemplar sobre a flora brasileira, foi Martius, mas Euclides não lhe atribui valor algum.

⁸ Dos umbuzeiros existem também boas descrições no relato de Martius. Uma delas (*Viagem*, v. II, p. 282) foi citada acima.

⁹ Da edição francesa consta também o espetacular *tableau* “Géographie des plantes équinoxiales”. Esse quadro (90 x 60 cm, no tamanho original) mostra, no dizer de Euclides (OS, p. 61), como “uma montanha única sintetiza, do sopé às cumeadas, todos os climas do mundo”. Isto é, como as plantas das diversas zonas climáticas da Terra se concentram perto de certos cumes dos Andes, especialmente do Chimborazo (cf. HUMBOLDT, 1990, *apud* p. 22).

7. “Uma categoria geográfica que Hegel não citou”

Depois de ter feito esse anúncio, na página introdutória da parte “A terra”, suscitando, com isso, a curiosidade do leitor, Euclides explica, no capítulo V, de que se trata: “Hegel delineou três categorias geográficas como elementos fundamentais colaborando com outros no reagir sobre o homem, criando diferenciações étnicas: As estepes de vegetação tolhiça, ou vastas planícies áridas; os vales férteis, profusamente irrigados; os litorais e as ilhas” (*OS*, p. 59). Essas categorias foram apresentadas por Hegel nas suas Lições sobre a filosofia da história (*Vorlesungen über die Philosophie der Geschichte*, 1837), no capítulo “Geographische Grundlage der Weltgeschichte” (Fundamento geográfico da história universal) (HEGEL, 1986, p. 116). Como exemplos da primeira categoria, o filósofo menciona as estepes da Eurásia, os desertos da África e, na América do Sul, os desertos em torno do rio Orinoco e no Paraguai.

Euclides, que toma como exemplos os *llanos* da Venezuela e o deserto do Atacama, no Chile, observa que essas paisagens “não fixam o homem à terra”; “não atraem”; “têm a força centrífuga do deserto; repelem; desunem; dispersam”. Ele lhes opõe “os sertões do Norte” (isto é: do Nordeste), “que à primeira vista se lhes equiparam” – criticando o fato de que aos sertões “falta um lugar no quadro do pensador germânico”. Os sertões, como esclarece Euclides, pertencem tanto à categoria das estepes e dos desertos quanto à dos vales férteis, porque, no tempo das secas, são “barbaramente estéreis”, mas, com a chegada das chuvas, tornam-se “maravilhosamente exuberantes” (*OS*, p. 59–60). Trata-se de um “jogo de antíteses” da natureza, que impõe, segundo Euclides, “uma divisão especial” no quadro de Hegel (*OS*, p. 60).

Vem ao caso lembrar que a dupla face do clima e da fitofisionomia do Nordeste brasileiro já tinha sido descrita antes, em 1819, por Martius, em sua travessia do sertão do Piauí: “De janeiro a abril, tudo verdeja e floresce com exuberância; porém, durante os meses de agosto até dezembro, a terra se torna uma planície esturrada, morta”. Os sertanejos, como ele informa, chamam esse ambiente ora de *mimoso*, ora de *agreste* (cf. *Viagem*, II, p. 326). Esta observação de Martius, como também várias outras de Alexander von Humboldt, ilustra também a diferença de qualidade existente entre os conhecimentos geográficos de estudiosos *de gabinete*, como Hegel, e estudiosos viajantes que decidiram sair do continente europeu para realizarem *pesquisas de campo* em meio à natureza de países tropicais.

8. A “hipótese brilhante” do “maior dos naturalistas”

Passando a considerar o papel da natureza, e especialmente o do sertão, na economia da terra, Euclides começa pela tentativa de explicar a criação dos desertos, focalizando o tipo clássico do Saara. Ele apoia-se, então, na “hipótese brilhante” de Alexander von Humboldt, “o maior dos naturalistas”, que “lobrigou a gênese [daquele deserto] na ação tumultuária de um cataclismo, uma irrupção do Atlântico, precipitando-se [...] sobre o norte da África e desnudando-a furiosamente” (*OS*, p. 61). A importância das pesquisas de Humboldt para a apresentação do sertão, por parte de Euclides, foi sintetizada por Oliver Lubrich, um dos principais estudiosos da obra do naturalista, nestes termos:

A especificidade da natureza cambiante e ambígua do Sertão deixa-se apreender somente [...] com a tese de Alexander von Humboldt sobre uma inundação em eras anteriores, com sua teoria da migração geográfica das plantas, sua concepção das linhas isotérmicas curvas, seu modelo da divisão por camadas das zonas climáticas, seu interesse pelo desenvolvimento da Terra ao longo do tempo e sua preocupação com a influência do homem [...] – ou seja, com sua concepção da natureza enquanto correlação dinâmica de forças, na qual acontecimentos geognósticos ou marinho-biológicos devem ser pensados em ligação atuante com a história das civilizações. (LUBRICH, 2010, p. 154)

Ele chega à conclusão de que o “significado superior” da explicação de Humboldt, a que Euclides se refere (*OS*, p. 61), “consiste no fato de que, com esse pensamento, uma complexidade antes inapreensível, a singularidade do Sertão e, metonimicamente, a identidade do Brasil, deixa se compreender” (LUBRICH, 2010, p. 154).

9. Os fazedores de desertos

O autor de *Os sertões* termina a sua apresentação da parte “A terra” com o enfoque de “um agente geológico notável – o homem”. Esse agente, como ele demonstra em seguida, “assumiu, em todo o decorrer da História, o papel de um terrível fazedor de desertos” (*OS*, p. 62). A destruição do ambiente natural começou com a praxe dos indígenas de usarem na agricultura como instrumento fundamental o fogo. Os colonizadores, que vieram depois, copiaram esse procedimento até o século XIX adentro – e, podemos acrescentar, em vários pontos do Brasil, até os dias atuais. O resultado dessas queimadas, desses constantes ataques à natureza, foi a “*caapuera* – o mato extinto” (*OS*, p. 63).

Antes de Euclides, a criação de desertos pelo homem já tinha sido registrada por Alexander von Humboldt e por Martius. Na sua travessia do interior da Venezuela, a caminho dos *llanos*, Humboldt verificou, no Lago de Valencia, uma drástica diminuição do nível das águas, em comparação com épocas anteriores. Como causa principal, ele identificou o hábito dos moradores de “queimar os pastos, para fazer nascer uma grama mais fresca e mais fina”. A isso acrescenta-se a destruição das florestas, “que os colonos europeus praticam em toda a América”; “com isso, as fontes secam ou tornam-se mais escassas” (HUMBOLDT, 1970, v. II, p. 67, 81 e 72). No seu acima referido ensaio sobre a Fisionomia das plantas (1849), o naturalista focaliza também o Mediterrâneo: Ao se olhar os litorais desse mar, que deu origem à maioria das civilizações, “costuma ser esquecido o fato de os povoadores pioneiros terem removido dali as florestas primitivas” (HUMBOLDT, 1849, p. 180).

Quanto a Spix e Martius, em sua travessia do sertão no extremo oeste de Minas Gerais, na Chapada do Paranã (perto da atual Chapada Gaúcha), eles observaram “queimadas que haviam se propagado numa extensão enorme”. Isto, porque “os arbustos espessos em parte sem folhas durante a seca, quase todos os anos são vítimas do fogo, posto pelos sertanejos” (*Viagem*, v. II, p. 145). Essa mutilação da natureza pelos fazedores de desertos é documentada também na gravura “Um campo queimado”, que integra o livro *A viagem de von Martius: Flora Brasiliensis* (MARTIUS, 1996, p. 84–85; cf. figura 9).



Figura 9: Um campo queimado no oeste da província de Minas Gerais

Contudo, se o homem fez o deserto, Euclides da Cunha pondera que ele também pode ainda extinguí-lo. Nesse sentido, ele se refere, nas páginas finais da parte “A terra”, a cisternas, poços artesianos e, sobretudo, à criação de “numerosos e pequenos açudes uniformemente distribuídos” pela caatinga (*OS*, p. 65 e 69). Com isso, constatamos que os três autores aqui comentados – Euclides, Humboldt e Martius – estão unânimes em defender a preservação do meio ambiente, em âmbito global.

10. Existe, na obra de Humboldt, uma referência ao Sertão?

No final deste comentário, eu gostaria ainda de levantar uma pergunta, que foi suscitada pelo fato de o autor de *Os sertões* ter realçado e elogiado o papel de Alexander von Humboldt (que nunca visitou o Brasil), enquanto ele diminuiu a contribuição de Martius, que, juntamente com Spix, foi um pioneiro na pesquisa dos sertões: Onde existe, na obra de Humboldt, uma referência explícita ao Sertão? Lembramos que, em 1826, foi publicado o volume II da *Reise in Brasilien, 1817–1820*, no qual Spix e Martius relatam a sua travessia dos sertões. Pelo que eu pude observar, consultando escritos de Humboldt publicados após essa data – sobretudo a reedição, revista e ampliada, em 1849, do seu ensaio “Über die Steppen und Wüsten” (Sobre as estepes e os desertos), seus vários escritos sobre a geografia das plantas, e sua obra-prima, o *Kosmos: Versuch einer physischen Weltbeschreibung* (Cosmos: Ensaio de uma descrição física do mundo) –, em nenhum desses textos é mencionado o Sertão. Sobre essa ausência, aliás, já tinha ser chamada a atenção num estudo sobre o romance *Grande sertão: veredas* (BOLLE, 2004, p. 47). Corroborando essa afirmação, dois eminentes especialistas em pesquisas sobre o famoso naturalista – que consultei agora, em 2019, – me informaram que eles também não conhecem na obra de Humboldt nenhuma referência ao Sertão.

Referências

- BOLLE, Willi. *grandesertão.br – o romance de formação do Brasil*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2004.
- Canudos: uma história de luta e resistência*. 2ª ed., org. Instituto Popular – Memorial de Canudos. Paulo Afonso-BA: Ed. Fonte Viva, 1993.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Edição crítica organizada por Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Ubu Editora/Edições SESC, 2016.
- _____. *Diário de uma expedição*. Edição organizada por Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- _____. *Krieg im Sertão*. Tradução alemã de Berthold Zilly. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1994.
- DANTAS, Roberto Nunes. *Canudos: novas trilhas*. Salvador: Editora e Gráfica Santa Bárbara, 2011.
- DAVIS, Mike. *Planeta favela*. Tradução: Beatriz Medina. São Paulo: Boitempo, 2006.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *O Império do Belo Monte: Vida e morte em Canudos*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Vorlesungen über die Philosophie der Geschichte* [1837]. In: *Werke* 12. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986.
- HUMBOLDT, Alexander von. *Relation historique du Voyage aux Régions équinoxiales du Nouveau Continent*. 3 vols. Ed. org. por Hanno Beck. Stuttgart: Brockhaus, 1970 [Reimpressão da edição original de 1814–1825].
- _____. Essai sur la géographie des plantes [1807]. In: *Essai sur la Géographie des Plantes*. Ed. org. por Charles Minguet. Nanterre: Eds. Erasme, 1990, p. 13–35.
- _____. Ideen zu einer Physiognomik der Gewächse [3ª ed., 1849]. In: *Ansichten der Natur*. Ed. org. por Hanno Beck. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1987, p. 175–297.
- _____. Über die Steppen und Wüsten [3ª ed., 1849]. In: *Ansichten der Natur*. Ed. org. por Hanno Beck. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1987, p. 3–127.
- LEITE, Marcelo. INPE lança sistema público para vigiar destruição do cerrado em tempo real, *Folha de S. Paulo*, 28/09/2018, p. B 5.

LUBRICH, Oliver. A viagem de Alexander von Humboldt pela América e sua reverberação na literatura – de Goethe a García Márquez. In: Galle, Helmut; Mazzari, Marcus (Org.).

Fausto e a América Latina. São Paulo: Humanitas, 2010, p. 145–163.

MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Frei Apolônio: um romance do Brasil*. Tradução: Erwin Theodor. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

_____. *Flora brasiliensis: enumeratio plantarum in Brasilia*. 15 vols. Weinheim: J. Cramer, 1965–1967.

_____. *A viagem de von Martius: Flora Brasiliensis – Vol I*. Tradução do latim por Carlos Bento Matheus *et al.* Rio de Janeiro: Ed. Index, 1996.

MORNAY, A. F.; WOLLASTON, W. H. An account of the discovery of a mass of native iron”. *Philosophical Transactions*, Londres, 1816.

SPIX, F. Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Reise in Brasilien in den Jahren 1817 – 1820*. 3 vols. Ed. org. por Karl Mägdefrau. Stuttgart: Brockhaus, 1980 [Reimpressão da edição original de 1823–1831].

_____. “Atlas” ou *Tafelband* [= vol. IV de *Reise in Brasilien in den Jahren 1817–1820*]. Ed. org. por Karl Mägdefrau. Stuttgart, Brockhaus, 1967 [com tradução para o português, revisada por Helmut Sick].

_____. *Viagem pelo Brasil (1817–1820)*. 3 vols. Tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer. Brasília: Edições do Senado Federal, 2017.